

## Merleau-Ponty e o Jornalismo: possibilidades de um diálogo para além do visível

**Jose Cristian Goes**

Doutorando; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
cristiangoes\_brasil@yahoo.com.br

**Elton Antunes**

Doutor; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil  
eantunes@ufmg.br

### Resumo

Neste artigo, buscamos refletir sobre algumas formulações do filósofo Merleau-Ponty, em especial da relação visível/invisível, uma experiência que põe em suspensão um mundo *todo visível*. Sugerimos que parte das ideias de Merleau-Ponty acaba por trazer inquietações sobre o modo de perceber os objetos, o que pode ser uma contribuição aos estudos de Jornalismo. A partir da análise das ausências e das presenças das notícias nos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, em 19 anos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, verificamos que algumas propostas de Merleau-Ponty fomentam um diálogo que pode ser fecundo sobre o jornalismo, principalmente para além do visível.

### Palavras-chave

Merleau-Ponty. Teoria do Jornalismo. Visibilidade Midiática. Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

### 1 Introdução

De longa data, os estudos sobre o Jornalismo têm se configurado em um campo fértil e aberto para formulações críticas. Muitas das propostas revelam várias possibilidades de conjecturas, que vão das denúncias dos limites do jornalismo até a construção de uma teoria própria. Independentemente das matrizes epistemológicas adotadas na Comunicação e no Jornalismo, esses estudos também buscam amparos em disciplinas nas ciências sociais, e contribuições nas ciências humanas e na filosofia. Essa necessária relação de aporte, a nosso

ver, não implica fragilidade teórica nem na Comunicação e nem no Jornalismo, ao contrário, reafirma um ambiente rico, móvel e aberto aos diálogos.

É nesse *lugar* de trânsito e em uma perspectiva de contribuição que esse trabalho está localizado. Propomo-nos refletir sobre o Jornalismo, a partir de certa aproximação com Merleau-Ponty (1908-1961)<sup>1</sup>. De saída, esclarecemos que esse filósofo não teve o Jornalismo entre as suas preocupações, o que nos impõe cuidados no percurso. Movemo-nos, portanto, na dimensão da *possibilidade* de diálogo que, mesmo com reservas, sustentamos ser rico.

Muitas pesquisas em Jornalismo estão centradas no recorte de produtos midiáticos, algumas à luz dos emissores. Buscam-se os discursos, discutem-se os papéis dos jornalistas, as organizações, as relações com as fontes, a recepção pela audiência. De maneira geral, parece não ser possível pensar o jornalismo fora de uma *estrutura* em que a notícia passa a ser um elemento central, “[...] um artefato social, algo (uma informação via discurso, texto, vídeo ou foto) que viaja de uma pessoa (ou de uma organização) para um único – ou para múltiplos – receptor/receptores.” (SHOEMAKER, 2014, p. 15).

A questão é saber se tal ideia do Jornalismo, ainda de uma concepção transmissiva e operativa, responde aos desafios contemporâneos em que os processos informativos estão fortemente descentrados. Espaço e tempo foram reduzidos atomisticamente e a informação rompeu os laços que lhe atava aos tradicionais objetos de mídia. Ocorre que estudos nessa área, como *agenda-setting*, *framing*, *gatekeeping*, *noticiabilidade*, mesmo reconhecendo-se limitados em certos aspectos, parecem ter uma sólida presença nas pesquisas. Contudo, eles ainda ofertam respostas satisfatórias sobre o que é jornalismo na contemporaneidade? Hoje, onde começa e termina o jornalismo? De maneira geral, pesquisas tratam de um jornalismo que produz visibilidades, mas elas poderiam ajudar a perceber outras camadas, invisíveis até, nesse mesmo ambiente?

A utilização dessas e de outras interrogações estão inseridas em um método reflexivo, a partir de Merleau-Ponty, porque *perguntar* é meio de experienciar camadas profundas do mundo visível e sedimentado. Nosso objetivo não é desconstruir estudos e nem anunciar um novo método, mas apresentar algumas contribuições para pensar mais

<sup>1</sup> Maurice Merleau-Ponty nasceu em 14 de março de 1908 em Rochefort-sur-Mer, ao sudoeste da França. Fez seus estudos na *École Normale Supérieure de Paris*, concluindo Filosofia em 1930. Finalizou o doutorado em 1945, sendo nomeado para a Universidade de Lyon, onde reencontra Jean-Paul Sartre, que foi seu colega na *école*. Com Sartre, edita a revista político-literária *Les Temps Modernes* e funda o *Socialisme et liberté*, um grupo de resistência ao nazismo. Merleau-Ponty foi do Partido Comunista Francês, mas por discordar das imposições de Moscou, deixou o partido. Ele era crítico da utilização equivocada das ideias de Marx, principalmente pela política Stalinista. O filósofo reagiu às perseguições e mortes de opositores do regime. Ele defendia um “marxismo existencialista”, insurgindo-se contra dogmatismos. Merleau-Ponty deu aulas de Psicologia e Pedagogia na *Sorbonne I* e, em 1952, foi ensinar Filosofia no *Collège de France*, permanecendo lá até sua precoce morte em 4 de maio de 1961 (CAPALBO, 2007; MATTHEWS, 2010).

sobre o Jornalismo e suas possibilidades, isto é, permitir percebê-lo com mais nitidez como um dos *lugares* da experiência comum, do mundo visível, mas também carregado de invisíveis; de ditos e de inúmeros silenciados; de luzes e de infinitas sombras.

Apesar de timidamente utilizado na órbita da Comunicação e do Jornalismo, Merleau-Ponty (1974, 1991, 1999, 2012) apresenta reflexões que nos soam como inquietantes convites para experimentar a dúvida no que vemos. No fundo, seu projeto não se prende a nenhum campo específico. O que ele propõe é a suspensão do que referendamos como um saber dado, o que não é refutar o que existe, mas experienciar outras dimensões do mesmo objeto, outras camadas ainda invisíveis no mesmo mundo visível. Em outras palavras, é articular um único movimento perceptivo diante do objeto, identificando aquilo que aparece e desaparece.

Além de obras de Merleau-Ponty, utilizamos nesse trabalho alguns comentadores (JOSGRILBERG, 2006; CAPALBO, 2007; CHAUÍ, 2008; DUPOND, 2010; MATTHEWS, 2010) porque, de fato, esse filósofo não é um pensador de rápidas leituras, mas como afirma Eric Matthews (2010), o esforço em sua direção é compensador.

De forma específica, vamos analisar a cobertura dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* sobre a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), uma entidade que em julho de 2016 fez 20 anos. As nações que a compõe são: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe, na África; o Brasil, na América; Portugal, na Europa; e Timor Leste, na Ásia. Empiricamente, a pergunta de partida foi: a CPLP foi notícia nesses jornais? Essa pergunta fez parte da primeira fase da pesquisa, onde fizemos um levantamento dos registros nos dois periódicos sobre a CPLP em seus 19 anos. Em seguida, buscamos as *notícias* nesse longo período que revelassem como a comunidade foi vista nesses jornais. Antes de apresentar os resultados dessa investigação, consideramos fundamental observar algumas ideias do projeto fenomenológico de Merleau-Ponty.

## 2 A fenomenologia merleau-pontyana

Uma das primeiras pesquisas de Merleau-Ponty tratou da *percepção* como forma de comportamento<sup>2</sup>. Para ele, as percepções não existem fragmentadas, “[...] mas constituem todos estruturados nos quais os significados dos elementos individuais dependem da sua relação com o todo.” (MATTHEWS, 2010, p. 10). Merleau-Ponty fez muitos ensaios sobre

<sup>2</sup> Esse trabalho resultou em sua primeira obra *The structure of behaviour*, de 1942.

política, artes, estética, literatura, cinema, psicologia, educação. Além disso, realizou várias conferências radiofônicas, muitas reunidas em livros<sup>3</sup>. Mas é a *Fenomenologia da percepção*, de 1945, a sua obra mais conhecida e que representa um salto reflexivo ao que tinha sido proposto Edmund Husserl, fazendo-o associar-se mais à ontologia de Martin Heidegger.

Os seguidores de Merleau-Ponty descobriram que pouco antes de morrer ele estava debruçado sobre dois trabalhos, que foram reunidos e publicados postumamente como *O visível e o invisível*, de 1964, e *A prosa do mundo*, de 1969. Através deles, o filósofo aprofunda as ideias sobre a percepção, encaminhando-se para discutir a *experiência*. Segundo Marilena Chauí (2008), a partir dessas obras, encontra-se em Merleau-Ponty uma ontologia radical a acertar contas com a fenomenologia husserliana e com a ontologia heideggeriana<sup>4</sup>.

Como filósofo, uma preocupação de Merleau-Ponty era a *essência das coisas*. Em geral, apostava-se em uma essência transcendental e que só seria possível ao se separar o corpo da alma, a matéria do espírito, o sujeito do objeto, a consciência do mundo. Em um pólo, o objetivismo científico empirista, racional, positivista. No outro, o subjetivismo, a filosofia, o abstrato, a consciência, a metafísica (CHAUÍ, 2008). Merleau-Ponty recusou essa dicotomia. Era preciso se reconhecer que “[...] o ‘fato’ e o ‘transcendental’ não podem ser separados radicalmente [...]” (DUPOND, 2010, p. 34). Merleau-Ponty sustenta, assim, que não há uma essência “fora das coisas”, uma explicação última, que põe o fim a toda dúvida. A essência está nas próprias coisas visíveis a exigir de nós uma ação interrogativa interminável (CHAUÍ, 2008). Nessas condições, não há como nos colocar em suspensão, fora do mundo, porque somos um *todo encarnado* nele, um “Ser-no-mundo”, para Heidegger (2005), e que Merleau-Ponty, de forma mais radical e coerente, vai nomear de “Ser-mundo”.

Merleau-Ponty avança e diz que nem filosofia, nem ciência são fontes de sentido. Nem ponto de partida absoluto, nem ponto de chegada definitivo. É aqui que ele nos convoca ao engajamento efetivo no mundo, um empenho que impõe pensar sobre a ideia de realidade.

O real é um tecido sólido, ele não espera nossos juízos para anexar a si os fenômenos mais aberrantes, nem para rejeitar nossas imaginações mais

<sup>3</sup> *Humanismo e terror*, de 1947; *Elogio da filosofia*, de 1953; *Sentido e sem sentido*, de 1996; *As aventuras da dialética*, de 2000; *Conversas*, de 2004; entre outros.

<sup>4</sup> Uma das mais significativas influências que Merleau-Ponty recebeu foi a do movimento fenomenológico de Edmund Husserl (1859-1938) e, depois, da ontologia de Martin Heidegger (1889-1976), aluno de Husserl. A tese inicial Husserl era de que a busca pela “essência” se daria na “redução” do pensamento, na medida em que colocássemos de lado as suposições objetivistas da atitude natural e nos concentrássemos em nossa consciência subjetiva (MATTHEWS, 2010). Para Merleau-Ponty, nessas condições, a fenomenologia não tinha conseguido se desvencilhar dos pólos opostos consciência-mundo. Heidegger percebe essa fragilidade e ensaia uma série de saídas dessa armadilha, mas Merleau-Ponty, segundo alguns dos seus comentadores, faz críticas mais aprofundadas e propõe uma abordagem ainda mais radical que Heidegger.

verossímeis. A percepção [...] é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6).

Seguindo suas indicações, estamos implicados no mundo e nossa percepção nele vai se realizar como “[...] seres humanos reais que existem em um tempo e lugar específicos [...]” (MATTHEWS, 2010, p. 13). Merleau-Ponty diz que o percurso reflexivo do *Ser-mundo* é a própria experiência e para se reconhecer nela é preciso afrouxar os duros laços intencionais que nos prendem às atitudes naturais, ao mundo aparente. A experiência de folgar esses nós, o que não é desatá-los completamente, configura-se como iniciação aos mistérios do visível, fazendo aparecer os laços e suas intenções de ligação. É um processo consciente de desvelar o mundo, revelando-o “estranho e paradoxal” (MERLEAU-PONTY, 1999).

O filósofo, desse modo, tensiona o subjetivismo filosófico e o objetivismo cientificista, na medida em que nos convida à experiência do *todo* visível, porém, jamais separada de sua necessária dimensão invisível. Fábio Josgrilberg (2006, p. 224) lembra que Merleau-Ponty sustenta que a instituição do conhecimento se dá através da “experiência do mundo vivido”, porque ela, a experiência, é “fenômeno originário”, ponto de abertura do mundo, sendo a instância em que se decide a “verdade”. Chauí (2008) diz que a experiência, para Merleau-Ponty, é o exercício de promiscuidade com as coisas, os corpos, as palavras e as ideias. “Do mesmo modo que a nervura sustém a folha por dentro, do fundo de sua carne, as ideias são a textura da experiência, seu estilo, primeiro mudo, em seguida proferido.” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 159). A experiência de perceber é a fissão do próprio “tecido do mundo”, fazendo nascer “[...] um para o outro, o vidente e o visível, longe de nos separar da coisa, ao contrário nos abre para ela [...]” (DUPOND, 2010, p. 28).

Diante das amplas perspectivas apontadas por Merleau-Ponty, nossa opção foi a de tentar compreender a tensão visível/invisível, porque entendemos que ela dialoga mais com algumas premissas vistas nos estudos de Jornalismo. Esse filósofo propõe que repensemos as experiências e os sentidos desse *Ser-mundo*, que também é *lugar* do jornalismo, “[...] a partir da relação solitária e global, do visível e do invisível, do silêncio que nos fala, da ausência e da presença do Ser [...]” (CAPALBO, 2007, p. 27). Em *Prosa do Mundo*, Merleau-Ponty faz uma aproximação com o campo da Comunicação. O filósofo usa a *expressão* como a ação da experiência, um exercício concreto de descobrir o mundo, uma atitude de enxergar *expressando* as várias camadas nos objetos.

Alguns estudos apontam o Jornalismo como o lugar da visibilidade, de fazer aparecer o que acontece, de garantir o que é relevante, de propor quadros explicativos da realidade. É aqui que Merleau-Ponty contribui estimulando ir além, isto é, considerar as várias camadas invisíveis nesses mesmos objetos. Não se refuta o Jornalismo como o lugar de dar a ver e de dar a falar, mas estamos falando de uma visibilidade para além de fazer ver e do fazer falar e que busca discutir a seguinte questão: *o que não vemos aqui?*

### 3 A ausência da CPLP

Para tentar responder essa última questão, buscamos um acontecimento concreto. Uma assemelhada língua portuguesa foi o pressuposto para se criar a CPLP: a reunião de países que têm o idioma português em comum. Entretanto, essa comunidade lusófona tem raízes mais profundas e amparadas em histórias ditas e não ditas. As nações que a compõe têm elos sócio-históricos constitutivos delas mesmo, uma força que possibilita gerar a ideia de unidade comunitária. O Brasil, por exemplo, é resultado, em grande parte, do sangue e do suor dos milhões de escravos arrancados de colônias luso-africanas em Moçambique, Angola, Guiné.

Para a própria criação da CPLP, o Brasil teve papel decisivo, realizando várias reuniões preparatórias com Portugal e com os países africanos. Além disso, há uma série de ações públicas e privadas envolvendo os países lusófonos, como acordos econômicos, convênios de cooperação social. Em razão dessa relação de pertencimento histórico e identitário, como a CPLP foi noticiada no Brasil? Temos no Brasil a ideia de que pertencemos a uma comunidade com traços identitários constitutivos de nós mesmos?

Nossa investigação ocorreu no acervo digitalizado das edições impressas de *O Globo* e da *Folha de S. Paulo*, no período de 1º de janeiro de 1996 até 1º de janeiro de 2016. Esses jornais foram escolhidos porque são tidos como de “referência” e têm as maiores circulações no Brasil<sup>5</sup>. O *slogan* da *Folha* é “Um jornal a serviço do Brasil”, e *O Globo* faz parte do maior grupo de mídia do país. Arbex Junior (2001) lembra que esses dois jornais são empresas capitalistas e, usando uma retórica de porta-vozes dos “interesses da nação”, defendem e promovem o capital financeiro, a máxima redução do Estado, adotando-se um “[...] discurso-para-o-mercado como estratégia empresarial e editorial [...]” (ARBEX JUNIOR, 2001, p. 141).

<sup>5</sup> Em 2015, a *Folha de S. Paulo* obteve uma circulação diária média de 335,9 mil exemplares, ocupando a primeira colocação entre os jornais brasileiros. Na segunda posição ficou *O Globo*, com 311,2 mil jornais postos em circulação em média diária. (MÍDIA DADOS BRASIL, 2015).



Como o objetivo de nossa investigação era conhecer a ação direta desses jornais sobre a CPLP, definimos a categoria *registros* para abrigar notícias, entrevistas e editoriais. Foram excluídos artigos de opinião, notas em colunas, cartas do leitor e publicidade. Utilizamos como critérios de busca: a CPLP, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a lusofonia, a países lusófonos e as nações lusófonas. Os resultados foram somente 92 pequenos registros em *O Globo* (ver Gráfico 1) e 94 na *Folha de S. Paulo* (ver Gráfico 2) no período de 19 anos.

**Gráfico 1** - Registros em *O Globo* em 19 anos da CPLP



Fonte: Elaborado pelo autor.

**Gráfico 2** - Registros na *Folha de S. Paulo* em 19 anos da CPLP

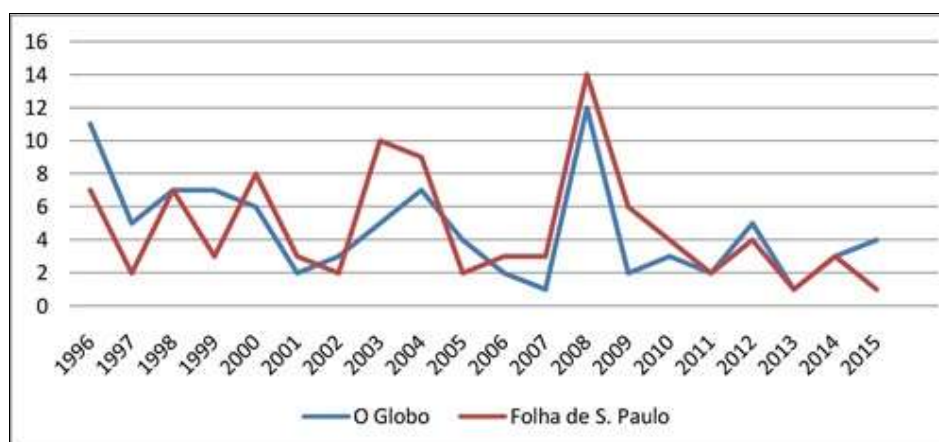


Fonte: Elaborado pelo autor.

Podemos constatar a irrelevante quantidade de registros nos dois jornais em 19 anos da CPLP. As poucas informações diluíram-se, *perdendo-se* entre milhares de páginas nas 6.935 edições de cada um dos periódicos por quase duas décadas. Na prática, é como se essa

comunidade não existisse. Os poucos e esparsos registros não possibilitam o reconhecimento da CPLP, não formam um *quadro* inteligível mínimo sobre ela. Tanto em *O Globo* como na *Folha de S. Paulo*, em média, foram apenas pouco mais de quatro registros por ano, revelando assim uma *não-noticiabilidade* muito parecida nos dois jornais (ver Gráfico 3).

**Gráfico 3** - Registros comparativos em *O Globo* e na *Folha* nos 19 anos da CPLP



Fonte: Elaborado pelo autor.

Com irrisórios registros em um longo período, quais as respostas para *o que temos aqui?* Por que os critérios de noticiabilidade como o de proximidade, relevância e outros não foram observados? Por que os temas da CPLP, uma comunidade da qual fazemos parte, não foram agendados? Onde estão os acontecimentos dessa entidade? Nessas condições, que narrativas emergem em um quadro de *ausência*? Onde estão os enunciados, os discursos, as fontes? Eles não existem? Que imagem se pode ter de uma comunidade que não existe? Ou seja, os estudos de Jornalismo podem auxiliar na compreensão desses vários invisíveis?

Pontuemos algumas questões convocando importantes estudos sobre o Jornalismo. Por exemplo, *Crerios de noticiabilidade* são um “[...] conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias [...]” (WOLF, 2009, p. 195). Apesar de discordâncias teóricas e de diferenças de nomenclaturas, acordam-se que alguns dos critérios para o que é noticiável são “relevância, atualidade, proximidade, conflito, desvio”, entre outros. Será que a CPLP não atendeu a nenhum deles? Se a comunidade não foi relevante e próxima, o que fez dela assim, irrelevante e ausente? O contexto econômico dos jornais, as relações de poder e as tensões identitárias em jogo não explicariam essa *não-noticiabilidade* da CPLP?



Através da ideia de *agenda-setting*, as pessoas “escolhem” os temas de suas conversas a partir do que lêem, vêem e ouvem nos meios de comunicação. A imprensa, pela seleção, disposição e incidência dos assuntos, determina quais serão as temáticas públicas e como elas devem ser discutidas (McCOMBS; SHAW, 2000). Nesse viés, ficam claras as intenções de determinar o agendado, de dizer o que é visível, aquilo considerado *importante* pelos jornais e que será “consumido” pela audiência. E o que ficou de fora da agenda? Como lidar com os temas descartados? É possível pensar em uma *não-agenda*, também como ação intencional?

Lembremos-nos dos estudos sobre o *gatekeeping*. Em resumo, fala-se de um processo de seleção de vários pequenos pedaços de informação que vão ser reunidos para compor uma quantidade de mensagens limitadas que chega à audiência. Os assuntos que atravessam os *gates* da mídia, portanto, serão os mais importantes e deverão afetar a opinião pública. Esse processo não determinará apenas qual notícia será selecionada, mas o formato e o espaço que terá (SHOEMAKER; VOS, 2011). Ocorre que a CPLP não passou nos *portões* de *O Globo* e da *Folha de S. Paulo*. Por que foi barrada? Não tinha foto? Deu lugar ao anúncio publicitário? Será que não existem questões mais profundas para justificar essa rejeição?

É possível pensar os registros sobre a CPLP por meio do *framing*? Os enquadramentos seriam “[...] princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais.” (GOFFMAN, 2012, p. 34). Segundo esse autor, tendemos a perceber os eventos de acordo com enquadramentos que vão nos permitir responder: “O que está ocorrendo aqui?”. Neste enfoque, *frames* são marcos interpretativos gerais que asseguram às pessoas dar sentido às situações sociais. Para Tuchman (1983, p. 71), “[...] o enquadramento das notícias organiza a realidade cotidiana [...]”, impondo “[...] ordem sobre a matéria-prima das notícias e dessa maneira reduzem a variabilidade da abundância dos eventos [...]”. No entender de Gitlin (1980, p. 7), os “[...] enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição [...]”, ou seja, um *frame* requer insistência, repetição, reforço das informações selecionadas. E o que dizer das informações que foram silenciadas, que se tornam ausentes? A CPLP parece ter ficado de fora dos quadros propostos pelos jornais, ou seja, essa comunidade não ganhou moldura e, talvez, a questão central a ser respondida seja: *o que não ocorreu aqui?*

Independentemente das intensas relações históricas e identitárias entre os países dessa comunidade, a CPLP, enquanto instituição, não teria uma agenda que merecesse ser

noticiada no Brasil? Em um documento oficial da entidade estão relacionadas algumas das principais e mais marcantes atividades realizadas ano a ano, como missões diplomáticas e encontros envolvendo os países membros da CPLP. Em 18 anos – período da publicação – foram anotados 410 grandes eventos (ILHARCO; MURARGY, 2014). Em 2013, por exemplo, enquanto a CPLP teve 37 atos marcantes, a *Folha de S. Paulo* e *O Globo* só apresentaram um registro cada um naquele ano. Não discutimos se os atos da CPLP são ou não relevantes na lógica dos *critérios de noticiabilidade*, mas utilizamos esses dados para *ver* a existência de inúmeras ações possíveis de noticiabilidade e que não se realizam nos jornais.

Assim, diante da ausência reiterada da CPLP em *O Globo* e na *Folha* durante 19 anos, sugerimos que pode haver nesse mesmo ambiente, outras camadas que possibilitam uma série de interpretações não vistas, inclusive compostas por aspectos históricos, identitários e da memória. Por isso, salientamos que as contribuições de Merleau-Ponty são um convite a pensar nesse aprofundamento, podendo auxiliar os estudos de Jornalismo.

#### 4 A experiência de *ver* o mundo

Propomos pensar o Jornalismo para além dos produtos e das práticas profissionais, entendendo-o como um elemento de uma ampla rede social que encadeia sujeitos, discursos e instituições. Seu papel nessa teia é indicar mediações, configurando-se, assim, em um lugar privilegiado que pode fazer ver e fazer falar, prometendo uma explicação do mundo. No entanto, como lembra Maurice Mouillaud (1997), o jornalismo não está sozinho nessa tarefa, sendo um operador sócio-simbólico que age em articulação com outros operadores e que o público pode remanejar os sentidos propostos, recolocando-os em seus ambientes culturais.

Por isso, enxergamos o Jornalismo como uma experiência social que vai se tecendo na medida em que as relações ocorrem, com uma série de atravessamentos políticos, culturais, econômicos, religiosos. Por meio dele, há uma tentativa de conformação de uma realidade completa, inteligível e visível. Contudo, ao mesmo tempo, esse é um ambiente que comporta inúmeros não ditos e não vistos. Para Merleau-Ponty, a *experiência* é a possibilidade de um enxergar que “desperta o mundo” com suas camadas, que nos implica nele e impede nossa fixação como espectador (MERLEAU-PONTY, 2012).

Um aspecto relevante apontado por esse filósofo é que a experiência de ver o mundo não ocorre em fragmentos. Para Merleau-Ponty, nós o experienciamos como *um todo*, um indiviso visível, sendo a comunicação a liga que nos transforma em testemunhas do mundo. Imediatamente, porém, ressalta que a certeza inelutável do que vemos vai permanecer

obscura. Nessa mesma reflexão, ele sustenta que nossa relação com as coisas não vai ocorrer na ordem *percepção-coisa*, mas no sentido da *coisa-percepção* porque “[...] são as próprias coisas, do fundo do seu silêncio, que [a filosofia] deseja conduzir à expressão [...]” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 16).

Esse autor diz que o mundo é facticidade e profundidade no mesmo tempo e espaço, assim, “[...] nossa percepção de um objeto se prolonga indefinitamente, seja na direção de sua profundidade imanente (horizonte interior), seja na direção de seu contexto (horizonte exterior).” (DUPOND, 2010, p. 55). Ou seja, Merleau-Ponty nos propõe *ver* esse mundo para além do exposto, enxergando-o como um espaço de “compossibilidade”, em que existe uma “vegetação de fantasmas possíveis” e aonde não chegaremos ao fim, isto é, às coisas mesmas, às essências. Assim, estimula-nos à experiência das várias camadas que instituem cada objeto, esse mundo, o *todo* visível à nossa disposição, o que não significa jamais chegar ao fim de todas as respostas, mas perceber que cada objeto guarda, nele mesmo, inúmeras possibilidades interpretativas ainda não examinadas e nem expressas.

Existem várias outras questões que Merleau-Ponty (2012) ilumina na experiência de *ver* o mundo, a exemplo de que nossa análise interessada no desvelamento do mundo não nos leva a universos abstratos e diferentes desse mundo em comum. Perceber os véus não é uma experiência de embarcar em uma ilusão, mas de permanecer no mundo concreto, em uma cisão que não separa, sendo um convite para a abertura criativa e ainda não expressa.

Nosso objetivo não é de opor aos fatos coordenados pela ciência objetiva outro grupo de fatos – sejam eles chamados “psiquismo” ou “fatos subjetivos”, ou “fatos interiores” – que “lhes escapam”, mas mostrar que o ser-objeto e também o ser-sujeito, este concebido em oposição àquele e relativamente a ele, não constituem uma alternativa, que o mundo percebido está aquém ou além da antinomia [...] não como uma vitória do “interior” sobre o “exterior”, do “mental” sobre o “material”, mas como apelo à revisão de nossa ontologia, ao reexame das noções de “sujeito” e “objeto”. (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 32-33, grifos do autor).

*Ver* o mundo, na perspectiva de Merleau-Ponty, institui o próprio conhecimento em uma relação de diálogo fecundo. O que tornará isso possível é uma atitude permanente de dúvida, que gera uma sensação de falta, de lacuna diante de um objeto que parece total, único, indiviso. É nesse espaço aparentemente vazio que emergem outras visões, isto é, em que se revela uma série de expressões do que ainda não tinha sido exposto (CHAUÍ, 2008).

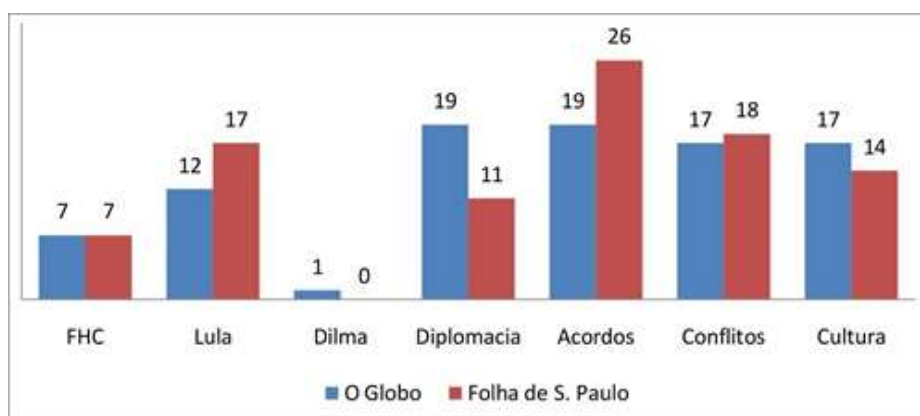
O que parece central para Merleau-Ponty (2012) é a atitude interrogativa – *epoché* – que se realiza pela experiência nas relações sociais com os objetos, sob o aparente, sob o visível, em uma ação intencional de conjecturas, de suposições, de reexames permanentes.

Metodologicamente, o cuidado é não definir previamente oposições e/ou negações sobre o que há, mas considerar *talvez* em lugar do *ser*, reticências em vez de um ponto final. “O papel da ‘epoché’ é também apresentado como necessário para nos libertar da perspectiva da atitude natural face ao Lebenswelt e ao nível transcendental.” (CAPALBO, 2007, p. 33).

Salientamos ainda que não há oposição entre visível e invisível. Eles são dimensões do mesmo objeto, sendo simultâneos e diferentes, reversíveis e entrecruzados (CHAUÍ, 2008); são figura e fundo, palavra e silêncio, luz e sombra; um não existe sem o outro, de maneira que “[...] o invisível habita neste mundo vivido, sustenta-o e o torna visível [...]” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 146). Reforça esse autor, portanto, que não existe um objeto escondido atrás de outro objeto, e nem um invisível absoluto e inacessível. O visível e o invisível são transitórios e se alteram a depender das relações de força. Para Capalbo (2007, p. 42), o invisível indica sempre “[...] uma presença dada sob a modalidade de ausência”.

Retomemos ao nosso caso concreto, aos registros dos 19 anos da CPLP em *O Globo* e na *Folha*, pensando na *experiência de ver mundo*. Diante da ausência da comunidade, avançamos em busca de rastros nas poucas notícias desse período. Os registros foram divididos em sete grupos por ano e por temas recorrentes envolvendo a CPLP (Gráfico 4), no sentido de eleger o “fato crucial” ou o evento-chave (ETTEMA; GLASSER, 2011). Foram eles: (1) presidente Fernando Henrique (FHC); (2) presidente Lula da Silva; (3) presidenta Dilma Rousseff, até 2015; (4) ações da diplomacia (Estado), sem os presidentes; (5) acordos (Governo), como ortográfico, saúde e outros; (6) conflitos (golpes, guerras civis); (7) registros de cultura.

**Gráfico 4** - Registros comparativos em *O Globo* e na *Folha* nos 19 anos da CPLP



Fonte: Elaborado pelo autor.

Constata-se que a cobertura dos jornais envolvendo FHC e a CPLP foi menor do que a vista com o presidente Lula. Há uma ausência da presidenta Dilma nessa questão. Tem-se um apelo maior para temas envolvendo os acordos, entre eles as recorrentes notícias sobre a unificação ortográfica. Há ainda questões relativas a conflitos e a cultura.

Essas informações, em certa medida, ganham visibilidade por meio dessa pesquisa. A partir desses dados gerais, consideramos que aí existem camadas possíveis para análises, o que confirma a pesquisa em Jornalismo também como o *lugar* de ver algumas questões que a leitura cotidiana dos jornais talvez não revele. Ao tomarmos Merleau-Ponty por referência, propomos avançar a outras camadas ainda não vistas aqui.

## 5 O visível e o invisível no jornalismo

Em suas obras, Merleau-Ponty traz uma pequena anotação que remete diretamente ao Jornalismo. Ela está localizada na parte final de *Signos*, de 1991, com o título *Sobre as notícias do cotidiano*. Apesar de curta, está coerente com suas formulações e confirma um nítido convite ao aprofundamento do Jornalismo enquanto experiência. O filósofo diz que “[...] talvez não haja uma só notícia do cotidiano que não possa dar ensejo a pensamentos profundos [...]” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 349).

Nessa anotação, esse autor chama atenção de que essa experiência de *ver* é como “[...] adivinhar numa ruga do rosto um mundo inteiro igual ao nosso”. Em seguida, ele afirma que é preciso enxergar nas notícias do cotidiano, muitas vezes sintéticas e fragmentadas, o que está supostamente oculto ali, como “[...] o sangue, o corpo, a roupa íntima, o interior das casas e das vidas [...]” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 350). Fica clara a sua convocação para “ver” as várias camadas que se entrelaçam nas notícias, aprofundando-as. Assim, parece limitador pensar o jornalismo reduzido à notícia, uma materialidade visível, a um conjunto de práticas profissionais. O Jornalismo é meio, e as notícias e as práticas são pontos no complexo trânsito de relações, garantindo visibilidade e, também, inúmeras e incontáveis teias de significações, muitas delas invisíveis.

Sugerimos que as reflexões de Merleau-Ponty dão liga ao Jornalismo entendido como experiência porque ver, falar e pensar são experiências sociais irrecusáveis e enigmáticas. Além disso, lembremos que a experiência emerge como *expressão*, sendo singularizada em narrativas e linguagens, que por sua vez, carregam “[...] tufo de significações, arborização de sentidos próprios e figurados [...] luz que, aclarando o resto, conserva sua origem na obscuridade [...]” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 127).

Essa discussão nos encaminha para as tensões entre a “fala falada” e a “fala falante” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 229). Fala *falada* diz do mundo linguístico, resultado de um acordo geral em torno dos sentidos comuns e disponíveis na cultura e que conformam o mundo, fazendo-o único em nós. Dupond (2010, p. 32) alerta que a “fala falada” não é prosa empobrecida, mas “[...] o momento de sedimentação própria da vida”. Ela é atravessada pela “fala falante”, uma dinâmica incessante que ultrapassar as propostas dos significados já sedimentados. A ação *falante* é a fala que sempre está em “estado nascente”, criativa e que tenta “[...] pôr [*sic*] em palavras um certo silêncio [...]” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 166).

Retomemos o nosso exemplo da CPLP. Para analisar os poucos rastros sobre essa comunidade em 19 anos no *O Globo* e na *Folha de S. Paulo*, sugerimos uma rápida pontuação histórica. O Brasil foi incluído no mapa do mundo no século XVI e, para Furtado (2007), isso se deu em razão da expansão mercantil europeia. A imposição de um destino - ser lugar de *exploração* - norteou as ideias sobre o Brasil. Porém, no longo período de *não-nação* e, até depois, fomos o *outro*, uma colônia portuguesa com intensa presença predatória também de ingleses, franceses, holandeses. As massas de gente inseridas aqui participaram dessa violenta lógica de exploração e boa parte das nossas relações humanas foi submetida a esse quadro, com marcantes reflexos identitários.

Em 1808, com a fuga da corte portuguesa ao Brasil e, depois, com a Independência, nossa referência identitária é europeia, cabendo à elite luso-brasileira desenvolver o *caráter nacional*, ou seja, nosso tipo ideal: homem, branco, culto, cordial. Essa linha de força, que envolveu a construção do país, fixou o *outro* nesse mesmo território: o negro, o índio, o crioulo, o brasileiro mestiço, todos pobres, malandros, preguiçosos a carregar a brasilidade *maldita* e que explicaria, para a elite, o nosso atraso. Basta lembrar as teses de negros como criminosos natos e da imigração nórdica para nos “embranquecer”<sup>6</sup>.

Imaginou-se, assim, uma síntese de *identidade nacional* que acerta os passos com a civilização europeia, branca, do colonizador e, ao mesmo tempo, apaga traços identitários com negros e índios. O mito da “união harmoniosa das três raças” é uma matriz política que busca apagar as raças, marcando étnica e racialmente os negros e os índios como os *outros*. Assim, as narrativas dominantes vão tentar conduzir a construção identitária nacional, que

[...] pressupõe apagar algo que positivamente existia (a violência da colonização, o sistema escravagista e a multidão de negros que povoavam o país) e, ao mesmo tempo, pressupõe criar algo que positivamente nunca existiu: o consórcio harmonioso entre colonizador e o habitante natural da

<sup>6</sup> Mais em Rodrigues (1957), Freyre (1946), Romero (1943) e outros.



terra, o reconhecimento da resistência heróica das culturas autóctones, a convergência entre valores nativos e os valores da civilização ocidental. (CUNHA, 2006, p. 101).

É preciso registrar dois aspectos que têm influência nos processos identitários e que envolvem diretamente a CPLP. O primeiro é que o Brasil é uma das últimas nações a colocar um fim na escravidão negra. Nas vésperas do século XX, muitos de nós éramos “seres sem alma”, como negros e índios eram tratados. São mais de 320 anos de um dos mais perversos sistemas escravocratas e isso não passa incólume em nossa memória social, na construção das identidades. O segundo é que as colônias portuguesas em África somente vão deixar essa condição em meados dos anos 1970. Por exemplo, apenas em 1975, Moçambique vai conquistar sua independência.

Temos, assim, um quadro que fixará papéis de civilização e de desenvolvimento na Europa, e depois nos Estados Unidos; e de primitivismo e pobreza em parte das Américas e da África, construção que se espraia pelo jornalismo até as raízes mais profundas das nações da CPLP. Para Sodré, no Brasil, ainda persiste a utopia civilizatória europeia, que continua “[...] a reproduzir o discurso de enaltecimento do seu valor universalista, como garantia da colonialidade do poder.” (SODRÉ, 1999, p. 33).

Ao retomar a análise dos 19 anos da CPLP na *Folha* e no *O Globo*, percebemos que essa comunidade não se configurou como *framing*, não ganhou *status* de agendamento, não atravessou os *gates*, sequer foi considerada relevante. Talvez a história nos ajude a entender o porquê dessa ausência, além disso, dos nove membros da CPLP, seis deles são africanos e pobres.

Como vimos, em quase duas décadas da CPLP percebemos somente alguns poucos e esporádicos registros nos dois principais jornais impressos do Brasil. Essas raras notícias aqui assumem a condição de rastros. Para que esses dispersos fragmentos fossem visíveis e produzissem sentidos, eles foram agrupados em uma coletânea em que se pode “ver” das ausências até “[...] a visibilidade como uma armadilha [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 166). É será a partir da intenção interrogativa do pesquisador, da busca pela expressão, que podemos reconhecer algumas camadas invisíveis nesse processo.

Especificamente no caso da CPLP, sugerimos que algumas dessas camadas revelam a presença desses processos históricos e de memórias na construção de identidades em que se fixa o *outro* como a *diferença* intransponível. Fenômenos pouco percebidos no Jornalismo. No percurso dessa comunidade em *O Globo* e na *Folha de S. Paulo* existem curtas e pontuais aparições, mas elas são exemplares. Por meio desses rastros, verificamos a instituição de um

ambiente de “compadrio” com Portugal e, ao mesmo tempo, de distância, rejeição, vigilância, controle com os países africanos da CPLP. É uma visibilidade convocada para responder a “ameaça” de um contágio pobre/negro que nos constitui e que nos revela identitariamente. Fora disso, na grande parte dos 19 anos nos dois jornais há indiferenças, silenciamentos, invisibilizações, ações identitárias e racistas. Vejamos alguns exemplos.

Em 16 de julho de 1996, na véspera da criação oficial da CPLP, o então presidente Fernando Henrique concedeu entrevista ao *Diário de Notícias*, de Lisboa. *O Globo* e a *Folha* reproduziram. Em *O Globo* (FH..., 1996, p. 3), o presidente brasileiro diz que a “mentalidade caipira e provinciana” do brasileiro “rejeita a globalização” (ver Figura 1). Fernando Henrique explica que essa “rejeição”, esse “atraso civilizacional” no Brasil é decorrente de nossa “mentalidade caipira e provinciana”. E FHC encontra a justificativa histórica para essa mentalidade caipira e o nosso atraso: “[...] sem dúvida nenhuma, a variante da mentalidade crioula.”.

**Figura 1** - Recorte de parte da notícia em *O Globo*



Fonte: FH... (1996, p. 3).

Essa notícia faz emergir uma camada que trata do processo de formação do povo brasileiro, revelando os negros e crioulos como uma presença constitutiva incômoda para as elites nacionais. Visibilizar para criminalizar a “mentalidade crioula” pode se configurar em uma tentativa de apagar a barbárie da escravidão? Temos aqui a convocação da memória prospectiva a defender uma limpeza étnico-racial para que o Brasil acerte os passos com a

civilização globalizada? Percebemos, assim, nesse rastro inicial e exemplar uma camada em que as identidades estão em jogo, porém elas aparecem ocultas e se somam a invisibilização por ausência temática da CPLP. Os estudos de Jornalismo consideram esse e outros aspectos relevantes, mas não tão visíveis? É nesse sentido que a experiência jornalística

[...] não pode ser explicada e explorada unicamente a partir da face mais visível de seus produtos. É preciso apanhá-la entre um direito e avessos. Por esse caminho é possível indicar que as várias experiências estão intimamente conectadas com outras tessituras e, nesse sentido, necessariamente imbricadas na escrita dos acontecimentos jornalísticos. (FONSECA, 2014, p. 26).

De maneira geral, os poucos registros na *Folha* e em *O Globo* sobre a CPLP revelam uma entidade sem expressão econômica, política e diplomática. Algumas notícias giram em torno de certo alinhamento entre Portugal e Brasil, nações que agem como “senhores” dos destinos dos países africanos, sempre nomeados como pobres e entregues à corrupção e a ditaduras. Em *O Globo* de 26 de julho de 2004 (LULA..., 2004, p. 8), o presidente Lula diz que a CPLP é uma “[...] mostra do quanto Portugal e Brasil podem realizar juntos. Afinal, não nos faltam o que poderiam chamar de vantagens comparativas – a língua, a cultura, a afinidade natural.”. A *Folha* e *O Globo* chegam até a reconhecer o parentesco entre Brasil e África, mas apenas para marcar diferenças, fixando os africanos como “primos pobres dos brasileiros” (ver Figura 2).

Figura 2 - Recorte de parte da notícia em *O Globo*



Fonte: LULA... (2004, p. 8).

Em 13 de abril de 1999, a *Folha de S. Paulo* (PRESIDENTE..., 1999, p. 6) trata da ida do presidente FHC a Lisboa. Diz o texto: “A visita a Portugal seria mais de compadrio, dado o

relacionamento histórico entre os dois países.”. Contextualiza o jornal: “A CPLP, que reúne, além de Brasil e Portugal, as antigas colônias africanas de Portugal [...]”. Ora, apenas os países africanos foram colônias portuguesas? O jornal *esquece* que o Brasil foi colônia e somente *lembra* o nosso “compadrio” com Portugal.

A *Folha*, em 15 de julho de 1997 (ver Figura 3) traz um único e curto registro bem próximo do primeiro ano da CPLP. É exemplar. Informa que os países africanos de língua portuguesa querem que o Brasil estenda a eles o mesmo direito de livre circulação concedido aos portugueses, sem necessidade de visto nos consulados. O Brasil nega esse direito, alegando o perigo do tráfico de drogas. Esse registro foi publicado na página de ocorrências policiais, e isso não foi obra do acaso. Trata-se de um *enxergar* para o controle e a disciplina. Essa visibilização seletiva do medo-rejeição do *outro* aparece como rastro em outras edições dos dois jornais e revela uma atenção identitária pouco percebida nas propostas do jornalismo. Contudo, para reforçar: o invisível também “[...] indica que há uma presença dada sob a modalidade de ausência.” (CAPALBO, 2007, p. 42).

Figura 3 - Recorte de parte da notícia na *Folha de S. Paulo*



Fonte: GONDIM (1997, p. 4).

Reafirmamos que o Jornalismo, pensando a partir do projeto merleau-pontyano, é atravessado por *textos vivos*, visíveis e invisíveis, emergindo como “fala falada”, porém com a “[...] qualidade prenhe de uma textura, a superfície de uma profundidade [...]” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 133). Perceber essas camadas tem força de uma fissão criativa, fazendo que o quadro espaço-temporal proposto aponte para fora e realize múltiplas conexões, até para além do Jornalismo. Quando Abril (2012) tratou das dimensões do texto e da cultura visual,

utilizou-se de Merleau-Ponty ao lembrar que “[...] as imagens visuais não se esgotam no visível, mas há entre elas sempre traços do invisível, marcas do invisível reprimido, ou pressuposto, ou postergado. O ver significa mais do que se vê [...]” (ABRIL, 2012, p. 21).

Tendo-se por farol Merleau-Ponty, podemos dizer que nossa ação de experienciar o invisível no jornalismo se dará no visível, no próprio objeto, mas esse aparente é uma ponta de lança a reconhecer as “[...] profundidades, em várias camadas ou de várias faces, o ser de latência ou de representação de certa ausência [...]” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 127).

## 6 (Em) conclusão

No diálogo com Merleau-Ponty percebemos que suas formulações podem ser luzes a contribuir com o pensar sobre o Jornalismo. Apesar de reconhecermos a necessidade de aprofundamentos, o projeto merleau-pontyano é um estímulo a *ver* os atravessamentos de fenômenos, as negociações e as tensões nas relações sociais e que compõem a experiência do jornalismo, mas nem sempre iluminadas. Merleau-Ponty, em certa medida, está tratando do método, de nosso percurso diante das infinitas camadas nos objetos. “Basta que, no pleno das coisas, cuidemos de certos ocos, certas fissuras, - e desde que vivemos, nós o fazemos - para vir ao mundo aquilo mesmo que lhe é mais estranho” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 74).

Heloiza Herscovitz (2010, p. 126), apesar de não fazer referência a Merleau-Ponty, afirma que investigações em Jornalismo devem ser mais amplas a contemplar em um mesmo objeto “[...] conteúdos mais manifestos (visíveis) e latentes (oculto, subtendido) [...]”. Para Luiz Gonzaga Motta (2010, p. 147), o investigador deve procurar “[...] compreender as diversas camadas significativas do objeto empírico como objeto intencional de nossa percepção. Nesse processo não há objetos isolados [...]”. Carlos Franciscato (2014) lembra que o jornalismo está imerso em um contexto espaço-temporal, vinculado a processos sócio-históricos.

Assim sendo, algumas das ideias de Merleau-Ponty que apresentamos aqui são um convite a pensar os objetos, o mundo visível que conforma nossa experiência, enxergando-o como uma “compossibilidade”, percebendo-o como “[...] a superfície de uma profundidade inesgotável.” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 139).

De forma pertinente, alerta o filósofo que, na medida em que retiramos os véus de nossos olhos, podemos-nos imaginar próximos do verdadeiro objeto. Contudo, isso é apenas uma sensação, além de ser contrassenso. Quando mais perto do objeto, mais ele se afasta.



Como experiência, o jornalismo não nasce e nem morre em páginas dos jornais, nos *sites*, nas transmissões pela televisão e rádio. Há inúmeros e incertos *antes e depois, ditos e não ditos*. Para Merleau-Ponty (1999), em razão das relações sociais, haverá sempre o indeterminado, o mistério, o invisível como fenômeno positivo, criador, como uma lacuna que não é o vazio, mas uma potência a exigir a expressão. É preciso agir como o pintor que desvenda o invisível, o escritor que quebra o silêncio, o pensador que interroga o ainda impensado (CHAUÍ, 2008). Talvez, o desafio aos estudos de Jornalismo seja, ao reconhecer a facticidade e profundidade do verso, trabalhar também nos avessos.

Sobre os 19 anos da CPLP em *O Globo* e na *Folha de S. Paulo*, constatamos desde uma invisibilização por ausência recorrente a revelar silenciamentos atravessados por questões econômicas, políticas e, principalmente, identitárias, até outras camadas que denunciam a tentativa de apagar a condição histórica do Brasil, de esquecer o longo e violento processo de escravização que instituiu o *outro*, e que aqui não se permitiu *ver*. Os rastros coletados denunciam lacunas, algo que ficou de fora das agendas, dos enquadramentos. Os vestígios fazem gritar o não noticiável, o Brasil membro de uma comunidade majoritariamente pobre e negra, o que faz emergir uma camada identitária de ancoragem racista e eurocêntrica a excluir o *outro* que nos constitui.

Josgrilberg (2006, p. 225) observou que a fenomenologia de Merleau-Ponty “[...] abre uma série de possibilidades ricas para a pesquisa em Comunicação [...]”. Heidegger (2005, p. 50) afirma que a fenomenologia deve ser pensada, antes de tudo, como uma “[...] concepção metodológica [...]”. Assim, também a estendemos, isto é, como potência a fazer problemas ao Jornalismo. As reflexões de Merleau-Ponty são uma contribuição para pensar o Jornalismo, não como objeto em si mesmo, mas como possibilidade de experimentar outros *Jornalisms* que estão a exigir outras expressões.

## Referências

ABRIL, Gonzalo. Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. **IC Revista Científica de Información y Comunicación**, Sevilla, n. 9, p. 15–35, 2012. Disponível em: <<http://www.icjournal-ojs.org/index.php/IC-Journal/article/download/237/234>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.



CAPALBO, Creusa. A subjetividade e a experiência do outro: Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 25-50, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n1/v13n1a03.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

CHAUÍ, Marilena. Merleau-Ponty: a obra fecunda. A filosofia como interrogação interminável. **Cult**: revista brasileira de cultura, São Paulo, v. 123, 2008. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/merleau-ponty-a-obra-fecunda/>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

CUNHA, Eneida. **Estampas do imaginário**: literatura, história e identidade cultural. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ETTEMA, James; GLASSER, Theodore. A íntima dependência mútua entre fato e valor. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, p. 249-276, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n6/n6a10.pdf>> Acesso em: 2 abr. 2014.

FH: brasileiro pensa como caipira. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 jul. 1996. O País, p. 3.

FONSECA, Ana. É tudo mesmo jornalismo? In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (Org.). **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 19-28.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANCISCATO, Carlos. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (Org.). **Critérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014. p. 85-113.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching**: mass media in the making & unmaking of the new left. Berkeley: University of California, 1980.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012. 716 p.

GONDIM, Abnor. Africanos querem ter direitos iguais a portugueses no Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 jul. 1997. Cotidiano, p. 4.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1.

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 123-142.

ILHARCO, Antônio; MURARGY, Murade. **18 anos CPLP: os desafios do futuro**. Lisboa: CPLP, 2014. Disponível em: <<http://www.cplp.org/id-4431.aspx>>. Acesso em: 23 out. 2014.

JOSGRILBERG, Fábio Botelho. A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e a pesquisa em comunicação. **Fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 8, n. 3, p. 223-232, 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6137>>. Acesso em: 2 jan. 2015.

LULA chega à África no papel de primo rico. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jul. 2004. O País, p. 8.

MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis: Vozes, 2010.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. A função de agendamento dos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.) **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2000. p. 47-62.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O homem e a comunicação: a prosa do mundo**. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 271 p.

MÍDIA DADOS BRASIL. **Jornal**: circulação de títulos filiados ao ivc. Grupo de Mídia: São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://dados.media/#/dashboards/JOURNAL>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 143-167.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PRESIDENTE viaja para 'revalorizar'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 abr. 1999. Brasil, p. 6.

RODRIGUES, N. **As raças humanas**. São Paulo: Progresso, 1957.

ROMERO, S. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

SHOEMAKER, Pamela. Prefácio. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (Org.). **Critérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso, 2011. 216 p.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999. 272 p.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**: estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983. 291 p.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 10. ed. Lisboa: Presença, 2009. 272 p.

## Merleau-Ponty and Journalism: possibilities of a dialogue beyond the visible

### Abstract

In this article we seek to reflect on some of Merleau-Ponty formulations, especially on the experience in dealing with the *whole visible*, questioning it, and revealing its invisible layers. It is proposed that some of Merleau-Ponty's ideas concern about how to perceive objects, what might be a contribution to Journalism Studies. From the analysis of newspapers *O Globo* and *Folha de S. Paulo* coverage during the 19 years of the Community of Portuguese Language Countries, we have found that the Merleau-Ponty proposals can foster a fruitful dialogue on journalism.

### Keywords

Merleau-Ponty. Journalism Theory. Visibility Media. Community of Portuguese Language Countries.

Recebido em 17/04/2016

Aceito em 09/08/2016

Copyright (c) 2017 Jose Cristian Goes, Elton Antunes. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

